Revista Brasileira de Agroecologia
Rev. Bras. de Agroecologia. 6(3): 81-106 (2011)
ISSN: 1980-9735

Agricultura familiar orgânica e qualidade de vida. Um estudo de caso em Santa Rosa de Lima, SC, Brasil*

Family organic farming and quality of life. A study case in Santa Rosa de Lima, SC, Brazil

AZEVEDO, Elaine de[1]; SCHMIDT, Wilson [2]; KARAM, Karen Follador [3]

1 Faculdade de Ciências da Saúde / Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS, Brasil, Pós-Doutoranda no Departamento de Prática de Saúde/ Faculdade de Saúde Pública/ Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil, elainepeled@gmail.com; 2 Centro de Ciências da Educação/Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, Brasil, wschmidt@ced.ufsc.br; 3 Socióloga/Doutora em Desenvolvimento e Meio Ambiente/Consultora, karenkaram@uol.com.br

RESUMO: A Agricultura Familiar Orgânica, ao se apresentar como um sistema produtivo que objetiva a auto-sustentação da propriedade agrícola, a oferta de alimentos saudáveis e a preservação da saúde ambiental e social, questiona as repercussões negativas do sistema moderno de produção de alimentos e se aproxima da noção de qualidade de vida. Para ilustrar melhor a articulação entre qualidade de vida e Agricultura Familiar Orgânica, buscou-se conhecer as repercussões da adoção de um sistema de produção orgânico sobre a qualidade de vida de agricultores familiares da Associação de Agricultores da Encostas de Serra Geral (AGRECO), em Santa Rosa de Lima, SC. O estudo de campo apresentado nesse artigo ajudou a elucidar a complexidade do conceito de qualidade de vida no meio rural. Ao mesmo tempo, evidenciou a prática da Agricultura Familiar Orgânica como uma estratégia eficaz na promoção de qualidade de vida e de valores sociais nesse meio e permitiu delimitar, com maior segurança, a relação entre as categorias propostas – qualidade e vida e Agricultura Familiar Orgânica.
PALAVRAS-CHAVE: qualidade de vida; Agricultura Familiar; Agricultura Orgânica; desenvolvimento rural sustentável.

ABSTRACT: This research aims to evaluate and draw conclusions concerning the relationships between Family Organic Farming and the resulting quality of life experienced by the farmers. A basic premise is that many of the same objective and subjective factors occur in studies and discussions of both these concepts. Analysis of the rural world from the perspective of agriculture reveals that current methods and patterns of farming determine significant changes in the social and environmental health of the rural population. This research compares the quality of rural life which results from modern forms of Technical Agriculture with that produced by Family Organic Farming where the aim is self-sustainability, the production of healthy food and the preservation of the environment. In addition, research showed that the organic farmer receives a range of social benefits not least being the reinforcement of his/her cultural integrity. These positive results call into question the negative repercussions of modern patterns of "Technical Agricultural" production. This article shows an initial exploratory study and an investigation into the quality of life being experienced by an existing group of organic family farmers belonging to AGRECO in Santa Rosa de Lima, south of Brazil. The study brought up the multiple relations for researches on quality of life in the rural world and also situates the Family Organic Farming as a strategy of promoting quality of life and social values in the rural word.
KEY WORDS: quality of life, Family Organic Farming; Organic Farming; sustainable rural development.

Correspondências para: elainepeled@gmail.com
Aceito para publicação em 04/05/2011

Introdução

Os temas saúde e qualidade de vida aparecem recorrentemente explorados. O desafio aqui foi relacionar esses conceitos à Agricultura Orgânica e, mais especificamente, à Agricultura Familiar Orgânica (AFO). Ressalta-se que no Brasil esses dois modelos são muito próximos, uma vez que cerca de 90% da produção orgânica no país é proveniente da Agricultura Familiar (AF) (MAPA, 2008).

Assume-se nesse artigo, a noção de qualidade de vida de Minayo et al (2000) que transita em um campo semântico polissêmico por estar, de um lado, relacionada ao modo, condições e estilos de vida e, de outro, à idéias de desenvolvimento sustentável, de ecologia humana, de desenvolvimento, de direitos humanos e sociais. Essa noção tem sido aproximada "ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial. Pressupõe a capacidade de efetuar uma síntese cultural dos elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem-estar" (p.8). A natureza subjetiva da qualidade de vida se relaciona a "como as pessoas sentem ou o que pensam das suas vidas, ou como percebem o valor dos componentes materiais reconhecidos como base social da qualidade de vida" (p.11).

A Organização Mundial de Saúde define qualidade de vida como "a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações" A organização desenvolveu instrumentos para medir qualidade de vida dentro de uma perspectiva internacional de domínios variados, partindo da premissa de que qualidade de vida é uma construção cultural multidimensional. Os domínios levantados pela OMS e que serviram de diretrizes para esse estudo são: domínio físico (sono, boa alimentação, integridade corporal); domínio psicológico (controle das emoções, do estresse, promoção da auto-estima; nível de independência (saber viver só); domínio relações sociais (saber viver em grupo); domínio ambiental (relações com o meio ambiente preservado); domínio espiritual (respeito as suas crenças e religiões) (WHOQOL GROUP, 1994).

O conceito de agricultura familiar utilizado neste trabalho remete a uma categoria genérica que a define como "aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo" (Wanderley, 1999, p.25).

Optou-se por estudar a agricultura de base familiar porque ela responde, em grande parte, a uma importante questão: quem produz os alimentos no Brasil? Dados do Censo Agropecuário (IBGE, 2006) demonstram que a Agricultura Familiar, com apenas 24,3% da área agrícola, é responsável pela produção de quase 80% dos alimentos consumidos no paísl. Mesmo produzindo quase toda a alimentação da população brasileira, a AF conta com menos recurso público como suporte de suas atividades: recebeu mediante as políticas públicas cerca de 13 bilhões de reais em 2008, em relação aos mais de 100 bilhões obtidos pelo agronegócio (Mazzezi, 2009).

Além disso, a AF tem se mostrado expressiva para embasar um conjunto de estratégias voltadas a promover a qualidade de vida no campo. Pensar sobre qualidade de vida e Agricultura Familiar Orgânica implica no estreitamento das relações no mundo rural e na percepção da importância de se construir, nesse meio, uma realidade que não se restrinja às atividades produtivas. Trata-se de um universo peculiar, designado, por alguns autores, como ruralidade, percebida como uma forma de cultura vinculada ao meio geográfico particular denominado como rural (Duran, 1988 *apud* Karam, 2001).

Este artigo parte do estudo de Azevedo (2004) que ressaltou que os aspectos subjetivos e

e objetivos que aparecem nas discussões sobre qualidade de vida também estão presentes nos estudos sobre a Agricultura Familiar Orgânica. O estudo também mostrou que a Agricultura Orgânica, ao se apresentar como um sistema produtivo que objetiva "a auto-sustentação da propriedade agrícola no tempo e no espaço, a maximização dos benefícios sociais para o agricultor, a minimização da dependência de energias não renováveis na produção, a oferta de produtos saudáveis e de elevado valor nutricional, isentos de qualquer tipo de contaminantes que ponham em risco a saúde do consumidor, do agricultor e do meio ambiente, o respeito à integridade cultural dos agricultores e a preservação da saúde ambiental e humana" (BRASIL, 2007) questiona as repercussões negativas do sistema agroalimentar moderno e promove a saúde e a qualidade de vida. Assumindo essa definição, a AFO torna-se uma ferramenta de promoção de valores sociais e de qualidade de vida no meio rural, com repercussões igualmente importantes sobre a qualidade de vida no meio urbano.

Mesmo com o fortalecimento dos movimentos da Reforma Sanitária Brasileira e de Promoção de Saúde no Canadá, na década de 1980, que resgataram a essencialidade dos diferentes determinantes e condicionantes do processo saúde e doença, as repercussões socioambientais do padrão produtivo dominante não ganharam a devida importância na área da saúde. Isso se torna mais instigante se pensamos que o Brasil ainda é um país com perfil fortemente agrícola e que grande parte da população urbana tem vínculos com o meio rural (especialmente aquela mais vulnerável socialmente e foco de diferentes programas na área de Saúde Pública). Para além das pesquisas sobre impacto dos agrotóxicos, as intervenções da Saúde Coletiva parecem ter sido, essencialmente, encontrar soluções para muitas mazelas urbanas que se originaram no meio rural. Rigon (2005) e Navolar (2006) fizeram estudos de caso sobre associações de agricultores registraram que com a prática da Agroecologia houve a retomada de uma produção maior e mais diversificada de alimentos para o autoconsumo familiar e para o fornecimento ao consumidor; aumento da autonomia dos agricultores; obtenção de um incremento na renda monetária familiar; manutenção do modo de vida rural; resgate ou incorporação de práticas alimentares mais saudáveis e registro de uma percepção positiva sobre o estado geral de saúde da família após um determinado tempo de conversão da propriedade rural à Agroecologia.

Nessa mesma direção, a partir de um trabalho de investigação a campo, buscou-se conhecer as repercussões da adoção de um sistema de produção orgânico sobre a qualidade de vida de agricultores familiares. A investigação, baseada em um estudo de caso, apoiou a articulação construída teoricamente por Azevedo (2004) e mostrou sua pertinência.

Metodologia

A pesquisa de campo, do tipo qualitativo de natureza etnográfica buscou justamente os elementos da subjetividade da vida social, entendidos como fenômenos e processos significativos. Para tal utilizou-se de técnicas qualitativas como entrevistas semi-estruturadas e observação participante nas unidades de produção de agricultores que pertencem à categoria social da agricultura familiar e são praticantes do sistema de produção da Agricultura Orgânica. Todos os informantes eram associados há pelo menos dois anos na Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral (AGRECO), em Santa Rosa de Lima, SC e participavam ativamente da Associação.

A partir da escolha desse critério, definiu-se

que a primeira identificação dos futuros entrevistados resultaria da indicação de um informante qualificado - representante e/ou diretor da AGRECO.

O trabalho de campo desenvolveu-se em um período de uma semana. Nesse período foram entrevistados de forma aprofundada seis agricultores, número que permitiu um aprofundamento e uma abrangência da compreensão desse grupo social. Acredita-se que este procedimento permitiu uma melhor compreensão do tema estudado, ao mesmo tempo em que levantou pistas de reflexão para a análise de situações e problemas relacionados. Por outro lado, pelo caráter da pesquisa, os resultados não expressam situações generalizáveis.

A escolha da AGRECO não foi aleatória, uma vez que tal associação expressa em seu estatuto o desejo de contribuir para a melhoria da qualidade de vida de seus associados, agricultores familiares, e de incorporar ao sistema de produção orgânico o resgate de um "modo de vida orgânico". A primeira visita ao local aconteceu por ocasião de um almoço comunitário preparado pelos agricultores da AGRECO em Santa Rosa de Lima. Seis meses depois foi enviada uma carta formal aos agricultores entregue pelo coordenador da AGRECO. Buscou-se nesta carta, explicitar as razões do estudo e as condições da pesquisa. Depois dessa carta, no momento da entrevista, os agricultores assinaram um documento consentindo em participar da pesquisa, com base na Resolução 196/96 (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do Conselho Nacional de Saúde).

Coleta dos dados

As entrevistas foram realizadas nas unidades de produção, com exceção de um agricultor, entrevistado após uma reunião do conselho deliberativo da AGRECO. Sua propriedade, entretanto já havia sido visitada pela pesquisadora por ocasião da visita supracitada.

Para realizar a coleta de dados através das entrevistas, optou-se por um formulário organizado em duas partes como instrumento de pesquisa. A primeira, composta por um conjunto de questões que possibilitassem fazer a caracterização do perfil sociodemográfico dos entrevistados e da unidade familiar. A segunda, por um roteiro de perguntas chaves, norteadoras do processo investigativo, respondidas livremente pelos informantes, visando apreender sua representação sobre saúde e qualidade de vida, a partir dos domínios de qualidade de vida acima mencionados pela Organização Mundial da Saúde.

Partindo do princípio de que cada ser humano tem sua representação sobre saúde e qualidade de vida, essas questões buscavam captar a representação do entrevistado sobre o tema, evitando-se, ao máximo, influências por parte do pesquisador. As entrevistas duraram em média uma hora e foram gravadas e transcritas integralmente.

A entrevista foi individual e confidencial. Julga-se que esta condição propiciou a manifestação de relatos íntimos que por vezes chegaram a soar como confidência. O registro dos dados foi feito por escrito no roteiro da entrevista e as respostas das perguntas livres foram gravadas e transcritas posteriormente. Utilizou-se, da mesma forma, um diário de campo para as anotações após cada entrevista e durante todo o trabalho de campo.

A técnica de observação participante permitiu estar com as famílias e vizinhos dos entrevistados cerca de seis a doze horas por dia durante uma semana e pernoitar na casa de alguns dos informantes, participando das diversas refeições com a família, convivendo com todos os membros presentes e dispostos para tal, além de se buscar interagir com a vizinhança.

Ainda como parte dos procedimentos de pesquisa, foram contatados outros associados da AGRECO e a autora participou de uma reunião do Conselho Deliberativo da associação realizada

durante a fase de campo. Também foram feitas entrevistas com o presidente e com outras lideranças da AGRECO. Através dessas entrevistas, buscou-se obter dados relacionados ao número e perfil dos associados, conhecer as diretrizes dos projetos da associação, perceber a dinâmica da organização e conhecer a expectativa das suas lideranças para cotejá-las com a dos agricultores entrevistados. O médico do posto de saúde local foi contatado, buscando-se levantar informações relativas às condições de saúde geral da população. Essas condições foram compiladas de dados utilizados no Sistema de Informação Hospitalar (SIH, 2002).

Cabe destacar ainda que a busca de literatura sobre a colonização alemã no Estado de Santa Catarina e no sul do Brasil propiciou o conhecimento da cultura dos antepassados dos agricultores entrevistados e a sua influência no atual modo de viver das suas famílias.

Análise dos dados

A análise teve como objetivo evidenciar os códigos pelo qual se elaboram significações ligadas as práticas cotidianas individuais e coletivas dos agricultores e sua proximidade ou afastamento do conceito de qualidade de vida., a partir dos domínios estabelecidos pela OMS.

As entrevistas e anotações do diário de campo foram avaliados primeiramente de forma vertical e flutuante, buscando o que Minayo (2007) ressalta como essenciais: temas que se destacavam, padrões recorrentes e discordantes, estruturas de relevância para os informantes e expressors idiomatocas e metáforas. Posteriormente, cada entrevista foi analisada de modo horizontal e buscaram-se temas emergentes e recorrentes.

A partir desse processo foram construídas duas categorias empíricas “qualidade de vida e aspectos de saúde humana” e “qualidade de vida e aspectos ambientais, sociais e culturais”. Tais categorias e uma categoria êmica emergente, “modo de vida orgânico”, foram confrontadas com a categoria de qualidade de vida e Agricultura Familiar Orgânica.

O território e um pouco de história...

Considerar o território onde as pessoas vivem permite identificar os diversos tipos de ações nesse local, como eles são percebidos por tais pessoas e até que ponto as regras de utilização dos recursos do território e da população promovem determinados hábitos, comportamentos e problemas de saúde cujas características são passiveis de identificação (MONKEN; BARCELLOS, 2005).

A Associação de Agricultores Ecológicos da Encosta da Serra Geral tem sua sede no município de Santa Rosa de Lima, no sudeste do Estado de Santa Catarina, junto às encostas da Serra Geral e ao Vale do Rio Braço do Norte. A região das encostas da Serra Geral é um corredor ecológico entre o Parque Nacional de São Joaquim e o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro e nela estão as nascentes de rios que abastecem de água potável importantes aglomerados urbanos do litoral catarinense (SCHMIDT, 2004).

Santa Rosa de Lima apresenta baixa densidade demográfica (10,24 habitantes por km²) frente a média dos municípios do Estado de Santa Catarina que é de 51 habitantes por km². De acordo com Schmidt (2000), a população de Santa Rosa de Lima se configura basicamente por descendentes de colonos alemães. Hoje, dentre seus dois mil habitantes, a maioria (79%) vive na área rural. A agricultura, juntamente com a pecuária leiteira, são as atividades econômicas mais rentáveis da região.

A maioria dos estabelecimentos rurais da região de Santa Rosa de Lima é conduzida por seus proprietários e suas famílias, caracterizando uma agricultura do tipo familiar, com a prevalência de propriedades de até 50 hectares (MOREIRA, 2000 apud MULLER, 2001).

O município está fora de eixos viários

importantes, suas estradas são precárias e tem uma estrutura de comunicação deficitária. A qualidade da energia elétrica é baixa, bem como os serviços de telefonia e lazer (SCHMIDT *et al*, 2003). Apesar da dificuldade de infra-estrutura do município, pesquisa de Jacques (2003) sinalizou os bons resultados das gestões que a AGRECO fez junto ao poder público: aumento do número de telefones celulares fixos instalados e do número de estradas de acesso às agroindústrias e ocorreu uma evolução positiva da frota municipal de manutenção das estradas no ano de 2001 para 2002.

A qualidade do ensino público do município, considerada precária devido à falta de capacitação e atualização e baixos salários dos professores, foi afetada pela implantação dos projetos de "nucleação" das escolas e de transporte escolar. Desde 1999 ocorreu uma queda de matrícula nas escolas isoladas da região e observou-se uma tendência crescente de transferências de matrículas das escolas da rede pública estadual para a municipal. Isso aconteceu sem o concomitante repasse de verbas que viabilize um ensino de qualidade nas escolas do município de Santa Rosa de Lima (Schmidt *et al*, 2003). Ressalta-se aqui a necessidade de se avaliar o impacto sobre as mudanças culturais que se estabelecem ao retirarem-se as crianças do meio rural para o meio urbano, desvalorizando ainda mais a condição do rural no município.

A partir da descentralização dos recursos destinados à saúde e implantação do Sistema Unificado de Saúde (SUS) em 1990, transferiu-se para o município a responsabilidade do planejamento, execução e controle das ações e serviços básicos de saúde. De acordo com o médico local, que compilou dados do Centro de Saúde de Santa Rosa de Lima, todos os trabalhadores dos estabelecimentos produtores e comerciais de alimentos (produtores de agroindústrias e laticínios, bares, restaurantes e mercados) realizam o controle anual das condições de saúde através da carteira de saúde.

A especialidade médica mais procurada é a Medicina do Trabalho, por obrigatoriedade nas atividades das agroindústrias. Quem trabalha nas agroindústrias da região submete-se a exames obrigatórios anuais. O tratamento médico clínico e dentário do município é bem conceituado entre os agricultores, mas eles próprios não frequentam o médico com assiduidade, fato levantado por Jacques (2003), a partir de dados da Secretaria Municipal de Saúde de Santa Rosa de Lima.

Essa mesma autora avaliou essa baixa no índice como uma possível modificação na qualidade e quantidade do atendimento médico em Santa Rosa de Lima, o que não significa que a população está mais ou menos saudável. Sob outro ponto de vista, ao contrário do que a avaliação desse índice sugere, a diminuição das consultas e um baixo índice de consultas por indivíduo/ano podem indicar uma melhoria no estado geral de saúde da população. Outras possibilidades para explicar a queda no número de atendimentos podem ser propostas, como a melhoria das condições financeiras para buscar atendimento médico fora da área municipal ou a busca de alternativas de tratamento. Além disso, os agentes de saúde locais e enfermeiros fazem visitas domiciliares dentro do Programa Saúde da Família e esse atendimento, bastante valorizado pela comunidade, pode estar contribuindo para baixar o índice de consultas no posto de saúde.

O processo de colonização de Santa Rosa de Lima foi iniciado em 1905 com a chegada dos primeiros colonos alemães. Sem o apoio usual do governo ou de empresas colonizadoras, os colonos enfrentaram grandes dificultadas de assentamento como a topografia acidentada, a presença de florestas densas, o isolamento geográfico e a presença indígena contribuíram

para dificultar a ocupação das terras (SCHMIDT, 2000).

A terra era percebida como garantia de sustento da família e do patrimônio sócio-cultural, além de um fator de produção e as práticas culturais eram todas feitas manualmente. A policultura, associada à criação de animais (especialmente o porco Macau), garantia a reprodução do grupo familiar e minimizava a carência de produtos provenientes dos mercados distantes. Os colonos produziam também um excedente de produção destinado à comercialização que garantia a aquisição de gêneros alimentícios e de outros utilitários não produzidos no interior das propriedades, tais como sal, roupas, querosene e instrumentos agrícolas. A lógica da organização baseada em um alto grau de auto-suficiência e na manutenção de um patrimônio sociocultural, calcada nos princípios da campesinidade, garantia a subsistência e a reprodução social das famílias Devido a precariedade das vias de acesso, as opções para os agricultores venderem ou comercializarem seus produtos sempre foram escassas. (MULLER, 2001; SCHMIDT 2000).

A partir dos anos 60, essa estabilidade começou a mudar. A entrada do óleo vegetal e da margarina no mercado, leva à diminuição do preço e do valor da manteiga, da banha e do porco. O aumento da população, e a conseqüente fragmentação das terras a partir dos processos de herança, levaram a uma utilização mais intensiva do solo e ao abandono do tempo de pousio. O agricultor passou a conviver com a lenta recuperação dos solos e da fertilidade e com a conseqüente baixa produtividade das culturas. E passou então a buscar alternativas. No início, as alternativas à crise localizavam-se dentro das unidades familiares de produção. Culturas e produtos tradicionalmente presentes nos sistemas de produção destinados primordialmente ao consumo familiar passaram a ser priorizados como produtos com valor de troca, aumentando o excedente de produção para a venda. O desmatamento na região começou a ser intensificado e a exploração comercial da madeira passou a constituir uma atividade comercial com boa fonte de renda (MULLER, 2001).

A fumicultura se tornou uma possibilidade frente à crise que se instalava, junto a posteruor entrada do milho hibrido e da assistência técnica. O agricultor passou a conviver com os adubos químicos e agrotóxicos, elementos para além do domínio prático do conhecimento acumulado dos agricultores. Esses fatores aumentaram a dependência do agricultor de fatores externos. Mudanças ambientais ocorreram, além daquelas que diziam respeito à própria organização e dinâmica da unidade de produção familiar. Intensificou-se a auto-exploração familiar e a necessidade de mão-de-obra externa, sobrecarregando a dinâmica familiar produtiva. Alguns agricultores resistiram ao plantio do fumo, permanecendo nos métodos tradicionais de cultivo. Porem, essa permanência não foi guiada por questões de ordem econômica, mas por valores como o resguardo da saúde e cuidado de não expor a família ao trabalho exaustivo exigido pela atividade. (MULLER, 2001, p.82).

Essa transição modernizadora trouxe consigo um processo de dependência econômica e tecnológica e a perda de conhecimentos tradicionais, da lógica de decisão e gestão, de estratégias e práticas tradicionais e culturais e de um modo de cultivar e de viver. Aliados aos impactos culturais, à saúde humana e ao meio ambiente, intensificaram-se outros problemas de ordem ecológica. A necessidade de grande quantidade de lenha para o aquecimento das estufas de fumo fez com que o desmatamento aumentasse, levando à perdas da biodiversidade de caráter irreversível (MULLER, 2001).

Segundo a análise de Muller (2001), os agricultores que optaram pela cultura do fumo fizeram-no devido às vantagens oferecidas por

intermédio da integração agroindustrial. Com o passar do tempo, essa realidade, principalmente em se tratando do crédito agrícola e do maior rendimento obtido com a cultura, deixou de ser vantajosa. Por outro lado, as desvantagens, como o uso dos agrotóxicos e o trabalho exaustivo, inicialmente minimizadas e bem aceitas pelos fumicultores por causa das vantagens obtidas com a cultura, passaram também a contar como elementos para questionar a atividade.

Em toda a região das Encostas da Serra Geral, na metade da década de 1990, as repercussões ambientais, sociais e sobre a qualidade de vida dos agricultores locais eram sentidas e foram reforçadas pela crise da fumicultura e pelo consequente processo de desertificação social em Santa Rosa de Lima (SCHMIDT, 2004).

Em 1996, no entanto, nasce a idéia de um desenvolvimento sustentável para a região. Um supermercadista natural do município lançou aos agricultores uma proposta de produção orgânica de hortifrutigranjeiros, oferecendo-lhes a condição de fornecedores únicos de sua loja de Florianópolis. Um grupo de agricultores aceitou o desafio e, já com uma primeira produção em andamento, fundou, em dezembro de 1996, a AGRECO. (AGRECO, 1996).

Finalizando essa breve abordagem histórica na produção agrícola de Santa Rosa de Lima, ressalta-se que a transição não eliminou todos os traços tradicionais característicos da campesinidade dos agricultores locais. Muller (2001), ao analisar indicadores como a presença do milho rústico, a manutenção da diversificação dos cultivos, as práticas de rotação de culturas, o consórcio de espécies, etc, sugere que houve uma modernização parcial, seja em relação à base técnica do processo produtivo, seja em torno da organização do trabalho. Manteve-se a lógica familiar e preservou-se um sistema de valores, ordenador de um modo de vida peculiar destes agricultores e de sua ética camponesa.

Segundo Muller (2001, p.113) esses foram alguns dos “elementos facilitadores do processo de transição rumo a ecologização da agricultura” na região e base para a implantação da AGRECO que tem desafiantes objetivos como expressa seu Presidente em entrevista à autora:

> "O que se busca na AGRECO não é somente a simples conversão a um modelo tecnológico. É a conversão de pessoas a um novo processo de vida. É um aprendizado que, aos poucos, se torna cultura. Cada um faz seu papel, sem voluntarismo ou euforia (...) O que existe nas Encostas da Serra Geral é um projeto de vida que não se tira dos habitantes daquele território" (Presidente da AGRECO, 2003).

Resultados

Perfil dos informantes

Os agricultores e membros da família são oriundos da região de Santa Rosa de Lima, Rio Fortuna e Anitápolis. A origem étnica predominante dos agricultores entrevistados foi a alemã; somente um dos entrevistados tinha a mãe descendente de índios brasileiros. A média de tempo de envolvimento dos entrevistados na produção orgânica girava em torno de três a cinco anos (quatro produtores) sendo que um deles estava na AGRECO há apenas dois anos e outro, desde o início da fundação da Associação, em 1996. O grupo de pesquisados tinha idade média de 35 anos (o mais novo com 28 anos e o mais velho com 44), sendo quatro casados e apenas dois solteiros. Foram entrevistados quatro agricultores e duas agricultoras. Entre os casados, dois homens e duas mulheres foram ouvidos. Os dois solteiros eram do sexo masculino.Quanto à escolaridade do grupo, quatro produtores cursaram o ensino fundamental incompleto; um completou o ensino fundamental e o outro estava

finalizando o ensino médio na época. As famílias dos agricultores entrevistados eram pequenas, com dois a três filhos de idade variada (3 a 21 anos) sendo que dois dos entrevistados eram solteiros e viviam com os pais. Três agricultores conviviam com os pais na mesma casa e um deles morava na casa ao lado da sogra. Os pais tinham idade variando entre 68 e 72 anos. Ocorreu uma variação de renda entre os agricultores pesquisados. Três dos entrevistados que se dedicavam exclusivamente à produção orgânica estavam entre os de menor renda líquida: variando de um a três salários mínimos. Para os outros três que, além da produção orgânica, se dedicavam a atividades diversas como o trabalho administrativo na AGRECO, a produção artesanal de licores, a produção convencional de leite e a granja de ovos caipira, a renda girava em torno 7,5 salários mínimos.

No que se refere às condições de moradia, pode-se considerar que todos viviam em boas condições: casas simples de madeira, grandes, mobiliadas e com jardins bem cuidados. A água provinha de fonte na propriedade e todos os produtores entrevistados tinham fossa séptica e fonte de energia elétrica. As famílias usavam o fogão a gás juntamente com o fogão a lenha, mantendo a tradição dos colonos. Todas as famílias visitadas tinham equipamentos e utensílios como geladeira, *freezer*, batedeira, liquidificador, televisão e rádio e duas delas possuíam telefone em casa. A televisão, que permanecia ligada durante grande parte do dia na maioria das casas, era a fonte principal de lazer, informação e notícias externas entre os produtores.

Todos os entrevistados eram responsáveis ou co-responsáveis pelas unidades de produção. O perfil e a diversidade produtiva das unidades dos agricultores pesquisados variaram bastante.

Os entrevistados, pela própria escolha do perfil, participavam das atividades AGRECO com bastante constância - o que não é uma regra geral entre todos os associados. Vínculos com outras associações também são relatados entre três dos seis entrevistados. O trabalho nas propriedades observadas era exercido apenas pelos membros da família seguindo a tradição alemã que tinha na família a base nuclear da propriedade

Relações familiares sólidas e estáveis foram observadas entre as famílias entrevistadas, configurando-se como um indicador de qualidade de vida no que se refere à segurança emocional dos agricultores. Dentre os seis entrevistados, cinco vivem com os pais (média em torno de 65 anos) ou na casa ao lado. É comum o filho mais novo cuidar da propriedade paterna e dos pais idosos:

> "Eu moro com o mais novo na minha terra, mas ficamos sempre próximos de todos. O mais velho mora aqui pertinho, numa terra que eu dei pra ele e agora tô vendendo a terra mais distante pra deixar pras filhas, que moram mais longe" (sogro de agricultor, 72 anos).
>
> "Eu vivo aqui do lado do filho mais novo, mas meu filho solteiro ainda quer morar comigo" (sogra de agricultora, 70 anos).

Em Santa Rosa de Lima, as estradas não são pavimentadas e o transporte é bastante precário o que faz com que todos os entrevistados busquem meio de transporte próprio (moto ou carro). Questionados se essa condição de isolamento afeta suas vidas, somente um agricultor (solteiro) queixou-se dessa condição.

Os agricultores familiares levam uma vida árdua. Trabalham uma média de 8 a 12 horas por dia. Essas horas são intercaladas com momentos de descanso, refeições - sempre junto à família - e atividades domésticas variadas. Somente o entrevistado que trabalha na área animal tem dedicação de 17 horas por dia, exclusivamente na atividade produtiva. Sente-se sobrecarregado no momento e considera que “assim não pode continuar” (agricultor, 38 anos).

O projeto de desenvolvimento "Vida Rural Sustentável" (AGRECO-SEBRAE, 2000) apoiou a formação de agroindústrias, prática presente na época da colonização, quando os colonos produziam em grande parte para a subsistência. Hoje, na produção agroecológica, a agroindustrialização representa uma possibilidade de agregação de valor ao produto agropecuário de origem orgânica e incentiva a independência do agricultor.

A capacidade de diversificação, que garantiu a continuidade da reprodução social do grupo familiar, passou a ser percebida também como um bom negócio dentro da produção orgânica:

> "A gente tem uma visão mais clara que pode aumentar muito mais a produção diversificada. Se diversificar a renda vai ser melhor. Antes meio quase que a gente não enxergava isso" (agricultor, 38 anos).

Todos os agricultores entrevistados têm produção de policultura para autoconsumo, com base em hábitos alimentares herdados de seus antepassados alemães, ajustados à realidade local: leite e derivados (nata, ricota), arroz, feijão, verduras (repolho, batata inglesa couve) e frutas (laranja e banana), ovos e pequenos animais, embutidos, banha de porco, pão de milho, rosca de polvilho e a erva-mate na forma de chimarrão. O açúcar, os doces de fruta e a farinha de trigo - introduzida posteriormente na dieta são a base dos bolos, cucas e doces, ingeridos com bastante freqüência.

Os alimentos adquiridos fora da área de produção local são o açúcar, a farinha de trigo, o café, o óleo de soja, o arroz branco, a farinha de milho e o sal. O restante é produzido na propriedade ou comprado de agricultores vizinhos.

Os entrevistados relataram a reintrodução na dieta de alguns alimentos cuja produção foi incentivada dentro da ótica da produção orgânica: o açúcar mascavo, o melado e o morango. O incentivo da produção de carne de porco dentro do sistema orgânico, o porco criado livre, também é recente e foi mencionada pelos entrevistados.

A produção de banha e carne de porco perdeu espaço a partir das mudanças no hábito alimentar do consumidor urbano. Porém, essa prática não modificou o hábito do agricultor local de ingerir a carne suína e a banha como fontes de proteína e gordura animal. O hábito de consumo de margarina foi relatado somente na família de agricultores que já viveu na cidade e o óleo de soja é utilizado “eventualmente” entre as famílias entrevistadas, sendo o mesmo percebido como alimento de má qualidade na visão dos moradores locais:

> "Eu não tenho nem dúvida que banha é melhor que óleo de soja cheio de agrotóxico, lá do Paraná. E agora o povo gosta e vê que óleo é que não é bom" (pai de agricultor, 75 anos).

A dieta se configura hoje como um dos aspectos centrais de prevenção de doenças e longevidade. Avaliar a dieta de uma comunidade como um dos aspectos de seu modo de viver, pode fornecer dados acerca das condições de saúde e qualidade de vida dessa população. Ressalta-se que a manutenção ou resgate de elementos culturais como determinantes de práticas alimentares saudáveis reverbera dentro dos estudos de povos saudáveis como o de Price (2000) e MorioguchI et al (2000) e apresenta-se como uma estratégia de promoção da saúde.

Qualidade de vida e agricultores familiares orgânicos: aspectos de saúde humana

Uma das perguntas feita aos entrevistados “você se acha saudável” mostrou-se muito geral e todos responderam que se acham saudáveis.

Percebeu-se, numa primeira impressão, um grupo de agricultores que não se queixa e não se sente doente. Relaciona-se essa condição a uma situação de satisfação desses agricultores.

As queixas frequentes sobre o estado de saúde podem estar relacionadas a uma desadaptação social ao ambiente onde se vive. Barbosa (1996) tenta decifrar os significados que estão por trás das queixas frequentes e aparentemente difusas. A realização dos propósitos de vida se torna uma condição essencial para se sentir saudável, independentemente de aspectos pontuais como, por exemplo, a segurança financeira ou a falta de doença. Essa autora aponta a freqüência com que isso ocorre nos processos migratórios do campo para a cidade, quando o agricultor vai em busca de trabalho: “as idas constantes ao serviço de saúde representam uma esperança de, ao depositar nas mãos dos profissionais de saúde que os acolhem suas dificuldades cotidianas, poderem minimizá-las ou resolvê-las” (BARBOSA, 1996, p.252).

Houve relatos subsequentes de determinadas condições clínicas, ou situações de dores agudas ou de incapacidade física que não implicam necessariamente em pouca saúde para os agricultores. Uma condição satisfatória de saúde depende largamente da aceitação do paciente da sua condição física e da sua relação entre expectativa e experiência da doença (CARR; BARRY; ROBINSON, 2001). No último ano todos relataram “estar bem”, apesar de queixas reincidentes como dores de dente e nas costas. Entretanto, os entrevistados disseram ter tido mais dores de cabeça e mal-estar constantes na época em que trabalhavam com a produção de fumo, “hoje não, não se sente mais isso. Tinha um cheiro. Tudo era diferente” (agricultora, 38 anos).

Casos de doenças "dos nervos” foram relatados pelos entrevistados, mas na época da pesquisa nenhum deles apresentava sintomas ou tomam medicamentos para depressão. Segundo os agricultores e moradores locais, o uso de calmantes e antidepressivos é comum na região. Três dos agricultores entrevistados utilizavam antidepressivos constantemente, na época da cultura do fumo. Três agricultores relatam que há cerca de um ano deixaram de tomar esses medicamentos:

> "Eu tomei antidepressivo a vida toda. Já ouvi falar que podia ser por causa do fumo. Parei faz um ano" (agricultora, 32 anos).
>
> "(...)agora parei com o Lorax. Mas tomei muitos anos" (agricultora, 38 anos).
>
> "Ah, eu achava que era do fumo. Aquele cheiro forte, aquela fumaça branca, só podia dar dor de cabeça e aí eu tomava calmante" (agricultor, 44 anos).

Tais relações foram objeto de estudos de algumas pesquisas. Estudos da Universidade de Pelotas, da Universidade de Santa Cruz do Sul, da Universidade de Campinas (UNICAMP) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro demonstram que os agrotóxicos utilizados indiscriminadamente na cultura do tabaco causam intoxicações e distúrbios neurocomportamentais, entre eles, a depressão, que podem levar até o suicídio nos membros das unidades familiares de produção (Etges et al, 2000 ; Falk et al., 1996; Faria et al, 1999).

Os entrevistados, de forma geral, relatam se sentir otimistas e os pensamentos mais pessimistas e sentimentos de insegurança têm causas no trabalho, na preocupação com a segurança financeira e com o futuro da comercialização de seus produtos junto à AGRECO.

> "Me acho alegre e só fico triste quando a gente quer fazer algo e não dá certo, no trabalho, por exemplo" (agricultor, 38 anos).

"Pra ser melhor tinha que estar vendendo os produtos" (agricultor, 44 anos).

"Se o trabalho dá certo é a melhor coisa que tem. Se der rendimento pode pagar alguém pra me ajudar. Aí posso ter uma vida mais saudável" (agricultor, 38 anos).

A insegurança nas grandes cidades se configura hoje como uma das principais queixas sobre qualidade de vida no meio urbano. O medo de assaltos, da violência do trânsito e da agressão física influencia no estado de saúde mental, nos quadros de depressão e estresse, e por isso o conceito de segurança física e proteção é percebido como parâmetro de qualidade de vida, segundo a Organização Mundial da Saúde (WHOQOL, 1994; WHO, 2000). Perguntados sobre isso, os agricultores entrevistados expressaram se sentir seguros na região; não houve relatos de roubos, assaltos ou violência.

Os dois produtores que buscaram tratamento natural, fitoterapia receitada por uma "curandeira" da região e dieta macrobiótica indicada por um médico de Porto Alegre, receberam orientação externa: "alguém indicou e deu certo" (agricultora, 38 anos).

O vínculo com as terapias naturistas, como a Homeopatia e Fitoterapia, condizentes com os métodos naturais de cura e prevenção de doenças, utilizados nos sistemas sustentáveis de produção, não se estreitou a partir do sistema adotado. Também não existem médicos homeopatas, nem programas de fitoterapia nos postos de saúde da região, o que poderia ser um impulso importante para a mudança de comportamento entre os agricultores. A adoção dessas práticas terapêuticas por parte dos agricultores pode estimular a identificação com uma forma de curar com menos efeitos iatrogênicos e em sintonia com a abordagem preventiva e curativa da Agricultura Orgânica e deve ser estimulada nas Associações de agricultura sustentável. Atualmente com a normatização da Política Nacional de Praticas Integrativas e Complementares, as mesmas passaram a ser oferecidas em muitos centros de saúde do SUS e faz parte do movimento popular exigir sua inserção nos sistemas locais.

A maioria não busca essas práticas, mas acredita nos resultados e ainda corrobora o conceito de prevenir doenças através de uma alimentação saudável:

"Ah funciona pro animal e pra nós também. Mas o que manda (na saúde) é a alimentação. Se for bem alimentado, fica difícil pegar doença" (agricultor, 38 anos, parênteses da autora).

"O tratamento natural é perfeito, mas hoje a própria alimentação tá fazendo isso" (agricultor, 28 anos).

"Saudável a gente é. Não tem poluição, comendo sem agrotóxicos isso é saudável" (agricultor, 38 anos)

De forma geral, a dieta dos agricultores entrevistados pode ser considerada boa com respeito à origem dos alimentos. Ao avaliar quantitativamente a dieta das famílias dos agricultores entrevistados, constata-se que o maior desequilíbrio quantitativo alimentar aparece na intensa utilização de alimentos a base de açúcar e farinha de trigo refinados: "Bolo e doce? Todo dia, no café da manhã, no lanche e no jantar" (esposa de agricultor, 37 anos)

O seu consumo excessivo, aliado a incorreta higiene bucal, pode ser uma das causas do alto índice de cáries e problemas dentários verificados no grupo observado.

Isso pode ser confirmado na afirmação dos cinco entrevistados que relataram visitas freqüentes ao dentista no último ano, por causa de dor de dentes aguda: "dor de dente tem muito. A gente, as crianças. Mas o dentista é bom (agricultor, 38 anos).

Jacques (2003), em pesquisa anterior, relatou

que a procura por consultas odontológicas tem sido crescente com aumento de 40% de 2001 para 2002. Muitos dos agricultores observados, na faixa etária de 30 anos, já têm dentes de ouro e, entre as crianças pequenas, foram observadas cáries e dentes de leite já lesados.

Ainda no aspecto quantitativo, o conteúdo de fibras provenientes de cereais integrais é relativamente baixo na dieta. Porém, outras fontes de fibra apareceram na dieta das famílias na forma de feijão, farinha de milho, alguns vegetais, como o repolho e couve e frutas da época, que eles alega, consumir “bastante”.

A princípio, o consumo de proteína animal pareceu ser equilibrado, com fontes diárias e variadas de ovos, leite e carnes de porco e frango. A ingestão de gordura à base de banha de porco parece ser adequada à região, sendo a mesma uma gordura natural e de boa origem, consumida nessa região montanhosa de clima semi-temperado e ajustada às referências culturais dos agricultores. Dentro de uma dieta equilibrada em fibras, associada ao baixo sedentarismo, pouco uso do fumo e baixo nível de estresse, a banha não deve ser considerada como a principal agravante das doenças cardiovasculares. Entre os entrevistados não houve casos de doenças cardiovasculares ou disfunções afins como obesidade, hipertensão e diabetes. Entretanto, tal resultado difere muito da média dos habitantes locais que seguem as tendências nacionais; no ano de 2002, os dados do SIH apontam as doenças cardiovasculares como a segunda principal causa de hospitalização no município segundo entrevista com o médico de Santa Rosa de Lima.

Os produtores entrevistados relatam boa mobilidade, capacidade de trabalho e independência. São ainda jovens, com média de idade de 35 anos, mas foram comuns relatos de dores nas costas e artrose entre a população observada e entre alguns dos entrevistados. Isso é atribuído ao carregamento de peso e à posição vertical por horas seguidas, próprias do tipo de atividade agrícola. Algumas doenças reumáticas podem ter causa genética e alimentar, associada a uma dieta rica em alimentos refinados e açúcar e pobre em vitaminas e minerais (PAGE, 1999).

A metade dos entrevistados relatou ter boa atividade cerebral e facilidade para aprender e reter novos conhecimentos. Três dos entrevistados dizem ter uma “memória fraca, tem que anotar as coisas” (agricultor, 44 anos).

Entre a população idosa também se percebeu boa mobilidade e disposição para o trabalho, aliando longevidade com saúde. Com a média de idade de 70 anos, muitos deles continuam realizando serviços na propriedade, ajudando os filhos e netos:

> "Vou mancando, mas vou fazendo tudo que preciso fazer. Ficar parado é que mata" (pai de agricultor, 72 anos).
>
> "Tenho dor nas costas, mas faço um pouco de tudo por aqui. Ajudo, devagar agora" (mãe de agricultor, 64 anos).
>
> "Minha mãe (68 anos) é que faz tudo na casa. Se bobear ela faz mais que a gente" (agricultor, 38 anos, parênteses da autora).

Percebeu-se entre os entrevistados e observados um baixo nível de sedentarismo pela intensa atividade laboral dentro de casa ou no campo, pouco uso de tabaco e alguns relataram ter um “ritmo de vida mais tranqüilo”.

Acredita-se que as atividades profissionais menos sedentárias propiciam maior mobilidade ao longo do tempo. A falta de exercícios físicos, a utilização prioritária de carros e outros meios de transporte motorizados e as atividades sedentárias, comuns nos centros urbanos estão relacionados à problemas de mobilidade diagnosticados em faixas etárias cada vez mais jovens (USDHHS, 2000).

Entre os entrevistados, o uso do fumo (tabaco) é raro entre eles. Da mesma forma, não houve nenhum relato de consumo regular de álcool entre os agricultores casados; apenas dois deles, solteiros, relatam uma ingestão regular nos fins de semana: “uns bebem por aí, né. Mas não é bem visto a cachaçada aqui não” (pai de agricultor, 72 anos).

Entretanto, seguindo tendências nacionais e segundo entrevista com o médico do município a taxa de alcoolismo é alta entre a população. Ele menciona um estudo ainda não publicado realizado na escola da região de Santa Rosa de Lima, que verificou que as crianças começam a ingerir as primeiras doses de álcool ao redor de nove ou dez anos de idade.

De acordo com o presidente da AGRECO, o consumo de álcool sempre fez parte das festas e situações sociais dos colonos alemães, como um “ingrediente indispensável”. Ele ressalta ainda que, como em outras populações rurais onde o consumo do álcool é desequilibrado, a falta de perspectiva social e a descaracterização da identidade do agricultor colaboraram para o aumento do consumo, que saiu do âmbito da “bebedeira social” para o alcoolismo. A aceleração da infância e a exposição precoce de crianças ao mundo adulto podem contribuir para o consumo de álcool na infância, porém a maior incidência é verificada entre os jovens como busca de afirmação e segurança.

Os entrevistados relataram sono regular e ininterrupto, com uma média de sete horas por noite. Os agricultores acordam entre 5h30 e 6h30 e dormem pouco depois das 21h30. A intensa atividade física do dia contribui para um sono profundo à noite. Alguns relatos confirmam: “Insônia? Quem trabalha pesado não tem isso não (agricultor, 38 anos). Ou ainda: “Caio na cama, à noite, que nem vejo mais nada. Cansaço mesmo” (agricultor, 38 anos).

Um ritmo regular entre sono e vigília é associado a uma vida saudável e é uma condição essencial de saúde. A imensa atividade catabólica durante a vigília acarreta o retorno incisivo à inconsciência do sono que, muito além de uma simples situação de repouso, é uma ativa fase curativa do organismo. Paracelso (1493-1541), no século XVI, falava do sono como o nosso “médico interior” (BÜHLER, 1987, p.6).

A seguir serão explorados os aspectos sócioambientais e culturais de saúde, considerando o entrelaçamento e a amplitude de seus domínios no conceito e qualidade de vida.

Qualidade de vida e agricultores familiares orgânicos: aspectos sociais, ambientais e culturais

Com o objetivo de avaliar o sentimento de “inferioridade secular do camponês”, o primeiro conceito subjetivo observado foi o de auto-estima (KAYSER, 1987 apud WANDERLEY, 2000, p.114). Perguntou-se aos agricultores: “se vocês pudessem mudar algo no seu corpo ou no seu jeito de ser, o que desejariam?”. Com relação à sua percepção corporal, física, demonstraram uma relação de aceitação de seu corpo e pouca vontade de mudar algo em si mesmo: “ah, tá bom assim, né?” menciona um agricultor de 38 anos e “nunca pensei nisso não” e “a gente nasceu assim, a gente deveria ficar assim. Não tem que mudar(...)”, reiteraram outros, de 44 anos e 38 anos respectivamente.

Entre os entrevistados somente as mulheres relataram querer mudar algo no corpo. Uma agricultora mencionou o desejo de “ser loira” e a outra, a única agricultora que já viveu na cidade, fora do ambiente rural, deseja “um corpo melhor, sem barriga”.

Com relação às mudanças no modo de ser, quatro relatam que gostariam de se expressar melhor e superar a timidez. Essas respostas tiveram um tom confidencial e foi um momento

tocante da entrevista:

> "(...) falar melhor as coisas; (agente) sabe como é, mas não consegue explicar certinho; isso teria que mudar. Queria mesmo era falar como (Fulano) que se expressa tão bem" (agricultor, 38 anos, parênteses da autora).
>
> "Eu queria saber conversar mais, ser mais alegre" (agricultora, 38 anos).
>
> "Eu queria ser mais falante" (agricultora, 32 anos).
>
> "Eu queria ter mais coragem pra falar" (agricultor, 44 anos).

No âmbito das relações sociais ocorre um processo recente na região atribuído principalmente ao desenvolvimento da Agricultura Orgânica e do agroturismo. Os agricultores têm sido alvo de inúmeras pesquisas acadêmicas, de entrevistas com jornalistas, de técnicos da área de agricultura e turismo, todos atraídos pela implantação dos novos sistemas produtivos na região. Além disso, há o contato direto com turistas, que passaram a visitar a região.

Tais contatos parecem incitar em alguns a exposição, o desejo de melhorar suas formas de expressão e de manifestação de suas necessidades:

> "Quando eu vi eu tava lá na frente e tive que falar pra um monte de gente. E falei! Foi bom" (marido de agricultora, 38 anos).
>
> "O que mudou na qualidade de vida desses agricultores foi o fato de eles terem se tornado pessoas dispostas a fazer intervenção, como qualquer cidadão integrado ao processo social. O agricultor participando do processo. Quando ele questiona o que está havendo, critica os processos, ele está se comprometendo com um novo processo; fazendo a parte dele no seu compromisso de querer melhorar de vida" (Presidente da AGRECO).

Para Paulo Freire (1987, p. 24), o diálogo e a possibilidade da expressão são exigências existenciais e “existir humanamente é pronunciar o mundo”. A possibilidade de expressar seus desejos de “falar melhor as coisas, saber conversar, ser mais falante e ter mais coragem” (agricultor, 38 anos) indica uma mudança de consciência do papel do agricultor familiar na sociedade e na sua auto-estima. Percebe-se que o agricultor, ao se sentir valorizado, cultiva em si mais confiança e é estimulado a interagir no seu meio. Esse relato mais explícito foi encontrado no trabalho de Heuser (2002) que pesquisou qualidade de vida e agroturismo entre agricultores da AGRECO:

> "Eu vejo que as pessoas estão valorizando isso que eu estou fazendo, que eu estou certo, elas passam confiança pra gente, aumentam a nossa auto-estima. Às vezes um professor da universidade, um doutor, até mesmo outros agricultores que chegam e dizem que isso é bom, que a comida é gostosa, é saudável, que isso aqui é que é qualidade de vida, faz com que a gente se sinta até orgulhoso. Resumindo em poucas palavras, isso dá confiança, auto-estima, tu tens a certeza de que isso que tu estás fazendo está certo. Pra mim o que marca mais é isso" (agricultor apud HEUSER, 2002, p.101).

Desenvolver a auto-estima e a aceitação de si próprio são formas de expressar a satisfação com o meio em que se vive. Condições de desemprego, insegurança afetiva ou financeira, medo de violência, temores em relação à saúde e incredibilidade na esfera política podem gerar em uma pessoa uma espécie de crescente instabilidade emocional que vai do sentimento de pessimismo até a apatia e abulia, onde se alcança o mais baixo nível de auto-estima (BARBOSA,

1996).

O conceito de *empowerment*, definido por Sen (2001) como a ampliação das possibilidades de controle, por um sujeito ou uma população, dos aspectos significativos relacionados à sua própria existência, pode contribuir para apoiar essa discussão e é central para averiguar condições de saúde e de qualidade de vida de um grupo ou população.

O meio social da comunidade estudada é bastante acolhedor. Eles se sentem apoiados pela família e também pelos amigos e vizinhos próximos. O espírito familiar e social, a noção de família, o sentimento dos deveres de cada indivíduo, o respeito aos mais velhos e a segurança afetiva que mantinham as comunidades teuto-brasileiras observadas por Roche (1969), também constituem a base da racionalidade camponesa no que diz respeito à lógica familiar. A fusão nas comunidades locais, como a família e grupos de família da mesma vila são uma tendência das colônias alemãs, como observa o mesmo autor. Essa tendência, bem como a relação próxima e afetuosa com a família, filhos e irmãos, e também com os pais idosos, aparece com freqüência entre os entrevistados e a população observada. Foi muito comovente perceber a relação de respeito com os mais velhos e a proximidade entre os membros da mesma família:

> "Sozinho a gente não se sente aqui, não. Tem muita família pra ajudar e pra contar" (agricultor, 28 anos)
>
> "Tem muito parente por aqui. Morar com a mãe é bom... a gente não precisa de cuidar dela, ela é lúcida. Ela é que cuida da gente. Mas, quando precisar, eu cuido dela, ué!" (agricultor, 38 anos).
>
> "Eu nem sei sabia que existe isso (asilo para idosos) e nem o que era é isso. Só na cidade mesmo... "(esposa de agricultor, 37 anos, nosso parênteses).

O apoio de amigos e de familiares determina uma dimensão importante de qualidade de vida que diz respeito à segurança afetiva. O ser humano é um ser social e vivenciar essa condição determina sua motivação para realizar coisas, trabalhar, dividir seu espaço e crescer, a partir das referências de trocas afetivas.

Os pesquisados relataram que gostam de viver onde estão e que não mudariam para outro lugar. "Nunca pensei nisso", afirmou um agricultor de 44 anos. "Gosto de ficar aqui, não sou escravo", disse outro de 38 anos. Optar por onde se quer viver e viver com quem se gosta são fatores que determinam uma condição de satisfação, base de um viver saudável.

Entre os filhos adolescentes dos agricultores pesquisados, também é visível a boa relação com o lugar e com a família. Quatro deles, interrogados sobre o desejo de viver em outro lugar, responderam gostar muito da região. Eles relataram que têm a intenção de sair para estudar na capital, para fazer faculdade, cursos de computação ou aperfeiçoamento e de voltar para trabalhar nas agroindústrias e nas propriedades dos pais. O estudo de Jacques (2003) menciona a valorização do espaço rural de Santa Rosa de Lima por parte dos jovens locais como tendência oposta ao êxodo rural de jovens, observado em várias regiões do país. Neste sentido, indica que os projetos desenvolvidos pela AGRECO "favorecem a reprodução social camponesa" e apontam uma futura revitalização do rural por parte desses jovens (JaCQUES, 2003, p.49). Projetos desenvolvidos nessa perspectiva apostam no surgimento de um novo contexto de qualidade de vida no meio rural.

O presidente da AGRECO, nascido na região, também observou essa tendência entre os jovens:

"Enquanto filho de agricultor, eu percebo um sentido de retomada. Como filho de agricultor, eu tenho recordações muito positivas da infância em Santa Rosa de Lima, de meus pais agricultores que, mesmo com dificuldades financeiras, garantiam para seus filhos uma condição de vida segura. Segurança na vida... Relação e uma vivência rica com a natureza. Então, ver esses agricultores oferecer isso a seus filhos, eu vejo como uma retomada significativa na qualidade de vida. Porque esses filhos querem voltar ou ficar por perto, na medida em que a perspectiva de vida melhorou. Essa ambição boa de querer mais é regra hoje; os filhos querem estudar. Filhas de agricultores das Encostas da Serra que trabalham como doméstica na capital, mas que fazem junto o cursinho pré-vestibular e conseguem passar na Universidade Federal. Acredita que é possível. Os agricultores acreditam que são diferentes, mas que não precisam ser tão desiguais" (Presidente da AGRECO, 2003).

Foi observado o fato de os agricultores de ambos os sexos dividirem responsabilidades comuns no trabalho na propriedade. Um dos objetivos do projeto de agroturismo para os agricultores familiares da AGRECO, além de estimular a Agricultura Orgânica, era o de gerar trabalho e renda para as mulheres nas propriedades. Segundo Heuser (2003), as mulheres encarregam-se hoje da maior parte das atividades de agroturismo. Isso gera, além de maior renda e participação feminina na associação, uma sobrecarga de afazeres, uma vez que as mulheres também são responsáveis pelos serviços domésticos e pelo bem-estar da família. Jacques (2003) observou esse fato na sua pesquisa com agricultoras orgânicas e apontou a oportunidade de formas igualitárias de trabalho e opções de atuação fora do ambiente doméstico como tendências urbanas que se estabelecem no meio rural.

Somente uma das agricultoras continua estudando e se preocupa em obter novos conhecimentos dentro do sistema de ensino municipal. A preocupação dos agricultores com sua formação é percebida pela grande participação no Centro de Formação. Trinta associados estão envolvidos nas atividades desse centro e quatro dos agricultores entrevistados participam delas.

Quando questionados sobre oportunidades de adquirir novas informações, dois agricultores percebem o contato com a AGRECO e com o agroturismo como uma oportunidade para aprender coisas novas e conhecer pessoas:

"A gente sempre plantava pra comer. Então a agricultura orgânica só tirou o agrotóxico. Mas o que mudou muito foi com o resto... Isso deu uma mudança de vida grande. Só com a agricultura orgânica e o agroturismo vinha novos conhecimentos, outras pessoas. Antes a gente passava o mês inteiro e não via uma pessoa diferente se não saía da sua casa. Hoje não, (a gente) vê, recebe as pessoas e conhece outras regiões, como elas vivem falando. Fala como é aqui e elas falam como é que é lá. É tipo uma escola" (agricultora, 38 anos).

"Mudou que a gente tem uma perspectiva de vida. Antes a gente não tinha. A gente plantava fumo, por plantar. Empurrava com a barriga. (...) a gente tá como que na faculdade. Tem horas que dá medo, (tem horas) que a gente acredita mais, tem horas que acredita menos" (agricultor, 28 anos, parênteses da autora).

Para todos os agricultores, o fator renda não se configurou como aspecto positivo de permanência no sistema orgânico de produção. Todos demonstram insatisfação e muita preocupação

com a forma de comercialização de seus produtos:

> "No sistema de venda que tá agora... A gente não tá recebendo. O problema tá na comercialização..." (agricultor, 38 anos)
>
> "A venda dos produtos podia ser mais" (agricultora, 38 anos)
>
> "Se a gente conseguir vender mais, o resto tá tudo bem" (agricultora, 32 anos)
>
> "Pode melhorar na questão financeira, vendas, uma condição boa, alguma outra coisa que tá faltando, um computador. Ter um plano de saúde formado pela própria associação. A gente sempre quer mais" (agricultor, 28 anos).
>
> "Olha trabalho tem... No momento devia ter uma renda mais garantida, mais fixa. Que a gente soubesse que vai dar... Do trabalho eu não me queixo, eu não me importo de trabalhar" (agricultor, 44 anos)
>
> "Pra melhorar?...Primeiro lugar administrar a coisa um pouco melhor, aproveitando os recursos naturais que dá prá aproveitar e depois disso vem quase por si o resto" (agricultor, 28 anos).

Chamou atenção a distância que eles mantêm da associação quando referem-se às questões de comercialização. Todos se referem a AGRECO como um terceiro e nunca falam “nós” ou “nós da AGRECO”: Apesar do objetivo desse trabalho não ser o de avaliar a relação dos agricultores com a AGRECO, pode-se dizer que essa relação não parece estável e a dinâmica da mudança de vida por que passaram os agricultores, desde o início do processo associativo, ainda não é totalmente compreendida por todos. Em muitos momentos das entrevistas, a AGRECO foi mencionada como entidade externa, não incorporada à vida dos agricultores. Os agricultores usufruem certas mudanças ocorridas em suas vidas a partir da associação com a AGRECO, mas se colocam como externos ao processo, prontos a “largar o barco se ele afundar” (agricultor, 38 anos).

> "(...) O grande problema da Agreco é a comercialização. As barreiras que estão no meio. Nós deixamos pela Agreco. Se eles não venderem, não colocarem na merenda, a gente vai colocar noutro lugar. Eu não queria sair fora da Agreco (...)" (agricultor, 38 anos).

Com certeza uma renda adequada contribui para a segurança financeira, para a auto-estima e para a melhoria da qualidade de vida do agricultor familiar. Para avaliar as dificuldades econômicas por que passam os agricultores familiares orgânicos pesquisados é importante remeter à dinâmica da associação apresentada anteriormente.

As noções de que a Agricultura Orgânica não é percebida somente como sistema produtivo e que o aspecto financeiro não é o maior motivo de permanência na atividade já foram verificadas em pesquisa sobre o perfil dos agricultores orgânicos em Santa Catarina (Oltramari; Zoldan; Altmann, 2002). Essa constatação pode levar ao reconhecimento da Agricultura Orgânica como promotora de desenvolvimento rural, a partir das premissas que remetem ao resgate cultural e dos valores locais. Nesse prisma, a AO torna-se um instrumento de promoção de qualidade de vida.

Considere-se que, de forma geral, o meio rural é, hoje, associado a uma melhor qualidade de vida, especialmente pelos habitantes das cidades. Esse fato contribuiu para valorizar as tradições e a cultura do homem do campo. Essa valorização é, também, uma oportunidade para o agricultor familiar reforçar sua identidade e redescobrir sua própria cultura de origem, que foi parcialmente descaracterizada durante o processo de transição agrícola que se estabeleceu na região:

"(...) Eu... a família aprendeu muito depois que começou (com AO e o agroturismo). Sentiu-se até melhor... recebe as pessoas, elas gostam do que a gente faz. Antes eu fazia lasanha, quando vinha turista. Agora, faço gemüse (prato a base de repolho ou couve e batatas cozidas) com carne de porco e o povo adora. E eu pensei: nossa, eles gostam do que é nosso jeito" (agricultora, 38 anos, parênteses da autora).

A prática da Agricultura Orgânica e o contato com a associação parecem ter trazido à consciência a importância do papel do agricultor, que repercute na sua auto-estima e na descoberta do seu lugar na sociedade:

"Se um agricultor deixa a roça é um problema: mais um desempregado na cidade. Mas se um agricultor orgânico deixa a roça, tem dois problemas: mais um desempregado e outro problema para todos, porque se deixou de cuidar da natureza, do ambiente, das águas" (agricultor, 38 anos).

Além do enfoque de valorização da identidade do agricultor familiar, a Agricultura Orgânica se estabelece como proposta de desenvolvimento sustentável, não somente com bases produtivistas ou de retorno financeiro, mas considerando seu potencial em promover mudanças na qualidade de vida do agricultor familiar:

"O serviço não é mais tão pesado... Não mudou muita coisa... A mentalidade mudou. A gente tem mais consciência que se usa agrotóxico tá prejudicando a si e aos outros e que tem que preservar a natureza.(...)" (agricultor, 38 anos,).

"Eu me sinto seguro. Não é que se pode dizer tal dia eu tenho tanto dinheiro pra tal coisa... Isso não! Mas eu acho que dá pra viver melhor agora" (agricultor, 38 anos).

"Não melhorou muito em questão de dinheiro, mas a qualidade de vida, o trabalho e o conhecimento, isso mudou bastante. (...). Isso é uma forma... não de dinheiro. Podia ser melhor de dinheiro. Mas a gente tem que olhar esse lado, não só financeiro" (agricultora, 38 anos).

"Mudou que a gente tem uma perspectiva de vida. Antes, a gente não tinha. A gente plantava fumo... Por plantar. Empurrava com a barriga..."(agricultor, 28 anos).

Muller (2001) corrobora essa visão quando disserta sobre a adoção da Agricultura Orgânica como propulsora da qualidade de vida que supera a racionalidade meramente produtivista da agricultura:

"Neste sentido, é de fundamental importância para o agricultor familiar a possibilidade de poder construir um "ambiente saudável", em relação ao lugar que optou para trabalhar, mas também para viver. Assim, pode-se dizer que a prática agroecológica, de certa forma pode fazer juntar "o útil ao agradável", contribuindo para a realização do agricultor familiar não somente na esfera produtiva e econômica, mas também enquanto sujeito "social e cultural", mediante a possibilidade de resgatar ou mesmo de reproduzir os atributos de sua "campesinidade", enfim, de seu "modo de vida".(...).Essas representações também ultrapassam a realização econômica como a principal dimensão da produção agroecológica" (MULLER, 2001, p.188-189).

Como visto, todos os agricultores pesquisados trabalharam no passado com a fumicultura. A maioria buscou outra atividade antes da produção orgânica. Ou seja, a opção pela AO não substituiu imediatamente a fumicultura, com exceção de um dos entrevistados que saiu diretamente do cultivo

de fumo para a produção orgânica. Ficou claro que esse cultivo não dava nenhum prazer aos agricultores e não fazia parte de sua cultura agrícola:

> "(...) Antes eu trabalhava com fumo...Trabalhar comum é terrível, né? A gente passava mal, assim e enjoava do fumo, dava muita dor de cabeça. Hoje a gente não sente mais nada disso. A gente conhece coisas diferentes, mais pessoas. Quando eu trabalhava com fumo, eu detestava trabalhar na roça. Hoje não. Hoje eu gosto" (agricultora, 32 anos).
>
> "(...) ver a porca solta, que cria os filhos sem dor... Sozinha... Produção orgânica é mais barata e eu fico mais satisfeito, com menos trabalho (...) Nunca gostei de usar agrotóxico... Gostei desse lado orgânico. Nunca gostei do porco preso dentro da granja. O porco é estressado, sem poder caminhar. É até mais prático o orgânico. É um jeito fácil de fazer dinheiro, o orgânico. Porque produzir na propriedade não precisa fazer grande quantidade" (agricultor, 38 anos).
>
> "O trabalho hoje é mais tranqüilo. Não mexer com veneno e ser um trabalho bom, um trabalho limpo, assim... Que o fumo é bastante sujo! Primeiro usava veneno em pó; depois veio o líquido que não contamina tanto e prejudica menos. E a gente gosta assim" (agricultor, 44 anos).

Muller (2001, p.111) questiona o que levou grande parte dos agricultores de Santa Rosa de Lima a desistir do cultivo do fumo e concluiu que "não era uma atividade que se fazia com gosto...". Sua pesquisa apontou a opção pelo sistema orgânico de produção como uma alternativa que mobilizou os agricultores familiares. Essa opção foi tomada não somente a partir de valores de ordem econômica, mas primordialmente por valores fundamentais como o resguardo da saúde e a busca de uma atividade mais gratificante e prazerosa.

Ter um trabalho dignifica a vida de um cidadão e fazer o que se gosta e ter a liberdade para tal é um dos grandes desafios a serem alcançados na promoção da qualidade de vida. Para Waitzin (1980), a insatisfação no trabalho e a infelicidade geral são fatores considerados na etiologia de doenças.

Os agricultores entrevistados expressaram sua satisfação em trabalhar e viver desse trabalho, relacionando essa condição a uma situação de saúde e qualidade de vida, já apresentada anteriormente. Muller (2001) relata a satisfação dos agricultores ao deixar a fumicultura e passar à produção agroecológica. Essa transição permitiu o resgate de uma forma de trabalhar com mais prazer e satisfação, com conseqüências na auto-estima e bem-estar do agricultor.

Para alguns agricultores, ser saudável depende do tempo dedicado ao lazer e isso se configurou como uma necessidade, especialmente entre os dois agricultores solteiros.

> "Tem que ter lazer, ter o horário de serviço e também o de descanso. Hoje isso não é possível, então não é saudável (...) A gente tá trabalhando mais... 16, 18 horas por dia... Agora, com o frigorífico, sem poder pagar empregado, tem que cuidar da propriedade também... As duas atividades... A gente tenta pra ver se melhora, mas tá mais difícil. Pelo menos, no outro serviço chegava sábado e domingo não tava trabalhando direto" (agricultor, 38 anos)
>
> "Ah só dá pra ter qualidade de vida se tiver conforto, um bom carro pra sair e passear (...)" (agricultor, 28 anos).

Percebe-se que as necessidades e a noção de

qualidade de vida ligada ao lazer dependem da faixa etária e do estado civil.

Nos fins de semana, quatro entre os entrevistados relatam apenas o dia de domingo como livre e a principal atividade de lazer são as visitas familiares. Dois entrevistados solteiros relatam que a partir de sábado à tarde, durante o domingo e pelo menos uma noite na semana freqüentam festas e jogos de futebol no “Clube da Quinta”. Nenhum agricultor entrevistado tira férias anuais:

> "Tem dias que dá [pra descansar], mas a gente sai pouco... Visita parente. Mas férias, nunca tirei férias. Sai de manhã, volta à noite."(agricultor, 38 anos, parênteses da autora)
>
> "Lazer é com família, na casa de irmãos, cunhados... "(esposa de agricultor, 44 anos).

A religião dominante dos entrevistados é o Catolicismo. A participação em missas dominicais é ocasional, uma a três vezes no mês. Somente um dos entrevistados relatou participação fora das missas, em encontros de casais promovidos pela igreja. Eles parecem manter o vinculo com a igreja porque nela se casaram e/ou foram batizados ou porque seus pais assim o faziam. A grande maioria não reza todo dia, mas acha importante o vínculo com a instituição católica como uma forma de preservar relações sociais e de manter a tradição familiar:

> "(...) não vou todo domingo, sou meio relaxado... 40% a gente vai...Também parece que influencia um pouco, a religião é difícil de explicar, mas ajuda um pouco. Rezar todo dia, isso não. No certo, deveria... Mas se não fazendo coisa mal – mal pro outro – já é alguma coisa" (agricultor, 38 anos).
>
> "São eles (os pais) que levam a gente pra igreja. Religiões todos devem ter e devem ficar naquela que foram batizados. Com devoção, é bom rezar. Se for pra pensar besteira, então vou pra outro lugar, saio da igreja" (agricultor, 38 anos).
>
> "Já vem da família. Os avós já eram. Os pais já eram. Pra mim, religião é tudo igual" (agricultor, 28 anos).

Jacques (2003) verificou em seu estudo uma influência maior das atividades pastorais católicas nas festas, reuniões e atividades de grupos de agricultores do município. A autora questiona se esta relação pode ser estendida à organização dos agricultores em geral e se ela não se constituiu “a base a partir da qual as atividades da AGRECO foram iniciadas” (JACQUES, 2003, p.51). A igreja, nesse contexto, estimula as relações sociais.

O domínio de “espiritualidade e crenças pessoal” considerado pela OMS no contexto da qualidade de vida não foi amplamente explorado nesse trabalho. É possível relacionar esse domínio com a AO a partir da faceta de “filosofia de vida”. Pesquisas de Oltramari; Zoldan; Altmann (2002) e Karam; Zoldan (2003) apontam essa faceta como fator de comprometimento com a Agricultura Orgânica. O termo em si, filosofia de vida, é amplo e não foi explorado nas pesquisas mencionadas, mas pode ser relevante à medida que se sabe que algumas correntes da AO, como a Natural de Mokiti Okada e a Biodinâmica de Rudolf Steiner, têm como base de suas relações produtivas propostas espirituais e religiosas baseadas na aproximação do ser humano com a natureza, promovendo, dessa forma, a autoconsciência e crescimento espiritual do agricultor orgânico.

A agricultura natural, segundo Okada, não é uma ciência como a agronomia, mas é uma ciência espiritual que tem como ponto central todos os seres vivos e como finalidade primeira, purificar e revitalizar o meio ambiente deste

planeta. O alimento produzido pela agricultura natural é portador de “energia espiritual” e por isto deve ser privilegiado pelos consumidores (Fundação Mokiti Okada, 1998).

A filosofia antroposófica de Steiner sugere que a prática da agricultura biodinâmica é uma forma de desenvolvimento de cognição espiritual através da revitalização da terra, da produção de alimentos de qualidade que nutram corpo e espírito e do desenvolvimento de uma nova forma de relacionamento com o próximo e com o ambiente. Para Steiner (2000), manter o ambiente saudável, através da ação humana, é contribuir para manter o ser humano saudável, permitindo que se mantenha a terra como local de evolução espiritual até que o homem alcance estados superiores de consciência. Sob essa ótica, a prática da agricultura orgânica torna-se instrumento da revitalização do conceito de consciência espiritual e da religiosidade do ser humano ao preconizar práticas de cuidados e respeito à natureza e ao planeta, além de uma relação mais saudável e dignificante com todas as formas de vida.

Na articulação entre qualidade de vida e questões ambientais, percebe-se que as preocupações com o ambiente estão presentes entre os agricultores. A consciência da importância de preservar a natureza é expressa de muitas formas:

> "Eu tenho uma picada de mata virgem que é meu xodó. Vale que nem ouro pra mim. Aqui a gente quer preservar a natureza. Precisa ver meu irmão, no Paraná. Só campo de soja, sem árvores, sem rio limpo. Não dá pra ficar como lá. Uma judiação" (pai de agricultor, 72 anos).
>
> "Agora os rios são pequenos, estão diminuindo. Já foram mais bonitos, mas com a agricultura sem veneno pode melhorar. Você acha que a falta de chuva é por causa dos venenos?" (sogra de agricultora, 70 anos).
>
> "[O veneno] não fica só na lavoura. Na chuva que vem a tarde, vai tudo pro rio. O vizinho dizia que sentia, à noite, o cheiro do veneno na cachoeira. E era um rio grande... Agora melhorou. E a gente não quer mais isso" (agricultor, 44 anos, parênteses da autora).

A natureza no mundo rural está para o campo assim como o ambiente arquitetônico está para o meio urbano. A natureza preservada eleva a qualidade estética deste meio ambiente tornando-o uma paisagem, e assim, uma parte integrante da cultura (KAYSER, 1994). A partir dessa constatação, avaliar o ambiente externo permite tecer considerações sobre a cultura e a forma de viver de quem o habita. Barbosa (1996) aponta a complexidade da relação entre qualidade de vida e ambiente alterado, e levanta aspectos objetivos que comprometem diretamente as condições de saúde dos seres humanos nos meios urbano e rural: poluição do ar, qualidade da água, uso de agrotóxicos, derrubada das florestas, entre outros. A preocupação com esses aspectos demonstra o senso de responsabilidade desses agricultores com a saúde individual e coletiva.

Ainda dentro da noção de cuidado ambiental percebe-se que os agricultores cuidam de seus jardins, dos arredores e da higienização da casa, dos utensílios e da comida. Vestem-se com simplicidade e se preocupam com sua aparência e com a higiene pessoal e de seus filhos:

> "Hoje são importantes as questões de higiene e de embelezamento do local onde vivem. Os agricultores se vestem melhor. (...) São vários aspectos que demonstram que os agricultores se apropriaram do processo" (Presidente da AGRECO).
>
> "Com o agroturismo, a gente tem que estar com a casa, e a gente mesmo, em ordem. Pra não passar vergonha quando chega o

hóspede" (esposa de agricultor, 38 anos).

Esse cuidado expressa preocupação com “os de fora” e os insere como atores importantes no processo de apreensão do território. Pensar o resgate da identidade e do território rural implica repensar as relações urbano-rurais, que necessitam ser renovadas. Os atores urbanos tornam-se “fios condutores” desse processo, atuam como agentes cooperadores da revitalização do meio rural, valorizam os agricultores e os estimulam a travar novos contatos e encontrar outras realidades:

"Quando as pessoas elogiam nosso trabalho, nossa casa, nossa comida, nos sentimos muito valorizados. Eu acho que essas pessoas que vêm são muito importantes porque vai valorizando o lugar, o lugar vai indo para a frente. Eles vêm vindo e incentivando também, pois eles também incentivam a gente. A gente recebe mesmo de coração, fazemos o que podemos para agradá-los" (agricultor apud HEUSER, 2002, p.103).

"Ah, aqui vem gente do Canadá, da França... e a gente fica pensando, quando que esse povo vinha aqui antes? Aí abrem oportunidades pra gente ir, pros nossos filhos conhecerem outros lugares. Isso mudou muito de uns tempos pra cá. Antes não vinha ninguém de fora. A gente conhecia todo mundo. Agora passa gente por aqui e nem sei quem é. Vou pra Florianópolis e conheço um monte de gente lá. Minha filha já tem onde ficar pra estudar no cursinho. Isso é bem bom" (agricultora, 38 anos).

"Meu irmão me falou que era loucura abrir pousada na casa e receber gente estranha, de fora. Eu disse pra ele: quem vem é às vezes melhor do que quem mora aqui. E a gente conhece tanta coisa nova, de outros lugares... Eu gosto de conversar com os turistas. Até agora só veio gente boa" (pai de agricultor, 72 anos).

Considerações Finais

Pode-se afirmar que o estudo de campo ajudou a estreitar a relação entre qualidade de vida e Agricultura Familiar Orgânica. Se observados em conjunto, os dados pesquisados relacionados a saúde humana (relato de dores, uso de medicamentos, frequência de tratamento, qualidade da dieta, mobilidade, atividade cerebral, sedentarismo, uso de fumo e álcool e ritmo de sono e vigília) podem ajudar a caracterizar o estado de saúde dos agricultores como bom, mas essa afirmação depende de outras variáveis não passiveis de identificação no estudo e campo. E de qualquer forma, somente esses indicadores não podem determinar a qualidade de vida dos agricultores. No estudo, a sua qualidade de vida foi percebida para além dos limites das condições de saúde e integridade física, partindo da premissa que tal noção de está intimamente relacionada às expectativas individuais e tem suporte em dimensões subjetivas.

As facetas mais subjetivas não foram relacionadas pelos agricultores como aspectos de qualidade de vida. Entretanto, elas foram nesse estudo, percebidas como tais e valorizadas como aspectos determinantes de uma vida com qualidade. Entre elas está a convivência dos agricultores dentro de um contexto de segurança afetiva, com base em relações sociais e familiares sólidas e estáveis. Também o fato de estarem atualmente vinculados a um trabalho mais prazeroso e reconhecido socialmente, pode apontar um aspecto importante da relação qualidade de vida e AFO. Por fim, a capacidade de expressar seus desejos que quebra a cultura do silêncio secular imposta aos excluídos socialmente e sinaliza uma mudança na auto-estima e no papel desse agricultor familiar na sociedade.

As práticas alimentares, de rotação de culturas,

de reciclagem do lixo, de policultura à criação animal, de associativismo, entre outras, herdadas da racionalidade dos antepassados alemães foram valorizadas dentro da ótica do sistema orgânico de produção, oportunizando a valorização de manifestações culturais tradicionais e o cultivo da consciência ambiental e social dos agricultores familiares.

A promoção da qualidade de vida no que diz respeito à obtenção de renda satisfatória e equilíbrio econômico apresenta-se ainda como uma faceta de qualidade de vida a ser conquistada. Também a compreensão mais plena do processo associativo e do papel do agricultor nesse contexto apresentam-se como um desafio dentro da proposta.

O estudo apontou a importância de considerar a inter-relação dos aspectos objetivos e subjetivos nos estudos de qualidade de vida de uma população. Essas inter-relações são dificilmente percebidas quando se avalia qualidade de vida por meio de índices e indicadores. A pesquisa qualitativa interdisciplinar aparece como um instrumento efetivo para explorar a complexidade das relações encontradas no contexto de pesquisa em qualidade de vida no mundo rural.

Por fim, ressalta-se que pesquisa evidenciou a prática da AFO como uma estratégia na promoção da qualidade de vida no meio rural e sinalizou a complexidade da relação entre qualidade de vida e Agricultura Familiar Orgânica.

Agradecimentos

Aos agricultores, agricultoras e associados da AGRECO que ofereceram seu tempo e compartilharam suas aspirações e expectativas de vida.

Notas

* Artigo baseado em dissertação de Mestrado: "As relações entre qualidade de vida e Agricultura Familiar Orgânica: da articulação de conceitos a um estudo exploratório", defendida pela autora em 2004, na Pós-Graduação em Agroecossistemas do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina (CCA/UFSC). Orientadores: Dr. Wilson Schmidt e Dra. Karen Follador Karam.

Referências bibliográficas

AGRECO - Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral. **Estatuto Social**. Santa Rosa de Lima, 27 de dezembro de 1996. 8 p. Mimeo.

AZEVEDO, E. As relações entre qualidade de vida e Agricultura Familiar Orgânica: da articulação de conceitos a um estudo exploratório [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2004.

BARBOSA, S.R.C.S. Qualidade de Vida e suas Metáforas. Uma reflexão sócio-ambiental. Campinas, 1996.303f.Tese (Doutorado em Sociologia).Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas.

BRASIL. **Decreto Nº 6.323, de 27 de dezembro de 2007. Dispõe sobre a agricultura orgânicas e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, 28 dez.2007. Seção 1.p.2.

BÜHLER, W. **Antroposofia e Medicina: ampliação da arte de curar**. São Paulo: Associação Beneficente Tobias, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FUNDAÇÃO MOKITI OKADA. **Sempre Feliz**. São Paulo: Fundação M. Okada, 1998.

HEUSER, D.M.D. Repercussões do Agroturismo na Qualidade de Vida de Núcleos Familiares Receptores de Santa Rosa de Lima (SC). Um Processo Criativo e Solidário, 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário 2006**. Rio de Janeiro, 2006.

JACQUES, R.G. Avaliação de Impactos Sociais de um projeto de desenvolvimento sustentável: o caso de Santa Rosa de Lima.Itajaí, 2003.56f.Trabalho de Conclusão de Curso

(Graduação em Ciências Sociais) - Centro de Educação Superior em Ciências Jurídicas, Políticas e Sociais, Universidade de Vale do Itajaí.

KARAM, K.F. Agricultura orgânica: estratégia para uma nova ruralidade. Curitiba, 2001.232f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Paraná.

KARAM, K.F; ZOLDAN, P. **Comercialização e Consumo de produtos agroecológicos; pesquisa dos locais de venda, pesquisa do consumidor.Região da Grande Florianópolis.Relatório final**.Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 2003.51p.

KAYSER, B. **A Cultura: uma alavanca para o desenvolvimento local**. Cultura e Desenvolvimento Rural. Leader Magazine n..8, inverno 1994.

MALVEZZI R. **O Incômodo Censo Agropecuário**, 2009. Secretaria Nacional da Comissão Pastoral da Terra. Disponível em:

http://www.cptnac.com.br/?system=news&action=read&id=3434&eid=139 Acesso: 3 Nov. 2009.

MAPA. MINISTÉRIO DE AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. MAPA.**Produção e comércio de orgânicos têm novas regras**. 2008. Disponível em: http://www.agricultura.gov.br/ Acesso em 2 Jan. 2008.

MINAYO, M.C.S; HARTZ, Z.M.A; BUSS, P.M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva**. V.5,n.1, p.7-18,2000.

MINAYO, MC. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. Sào Paulo: Ed Hucitec, 2007.

MONKEN, M.; BARCELLOS, C. Vigilância em saúde e território utilizado: possibilidades teóricas e metodológicas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, 2005.

MORIGUCHI, E.H et al. Octogenários de Veranópolis: as condições psicológicas, sociais e de saúde geral de um grupo representativo de idosos com mais de 80 anos residentes na comunidade. **Revista AMRIGS**, Porto Alegre, v.44, n.1, p.25-29, 2000..

MULLER, J. M. Do tradicional ao agroecológico: as veredas das transições (o caso dos agricultores familiares de Santa Rosa de Lima, SC). Florianópolis, 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias) – Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina.

NAVOLAR T.S. Agricultura Familiar Ecológica enquanto ação promotora da saúde. [monografia de conclusão do curso de especialização em saúde pública] Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

OLTRAMARI, A.C; ZOLDAN,P; ALTMANN, R. **Agricultura Orgânica em Santa Catarina**. Florianópolis: Instituto CEPA/SC, 2002.56p.

PAGE, M. **Degeneration and Regeneration**. San Diego: Price-Pottenger Nutrition Foundation, 1999.

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**.Porto Alegre: Globo, 1969.

RIGON, S.A. Alimentação como forma de mediação da relação sociedade/natureza – um estudo de caso sobre a agricultura ecológica e o autoconsumo em Turvo – PR. [dissertação de mestrado em Geografia]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná; 2005

SISTEMA DE INFORMAÇÂO HOSPITALAR (SIH). **Autorização de Internação Hospitalar (AIH) para o município de Santa Rosa de Lima. Relatório do DATADSUS**, Secretaria Municipal da Saúde de Santa Rosa de Lima, 2002.

SCHMIDT,W.A municipalização do ensino fundamental em dois pequenos municípios rurais de Santa Catarina: Anitápolis e Santa Rosa de Lima (1987 a 1995). História e Filosofia da Educação (Tese de Doutorado). São Paulo: Pontífice Universidade Católica de São Paulo, 2000.

SCHMIDT, W. A construção social de um território; a ação da Agreco nas Encostas da Serra Geral. In: BRAGA, C.L. et al. **A mobilização dos territórios para o desenvolvimento: novas dinâmicas de inclusão**. Brasília: Sebrae, 2004.

SCHMIDT, W; SCHMIDT,W; TURNES, V.A. Desenvolvimento local em espaços rurais: a construção de um território nas Encostas da Serra Geral, em Santa Catarina. In: PAULILI, M. I; SCHMIDT, W. **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina**, Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.

SEN, A.K. ¿Por qué la equidade en salud? **Pan American Journal of Public Health**, Washington, v. 11, n. 5-6, p. 302-309, 2002.

STEINER, R. **Fundamentos da Agricultura Biodinâmica: vida nova para a terra**. São

Paulo: Editora Antroposófica, 2000.

UNITED STATES DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES (USDHHS), 2000. Healthy People 2010. (2nd ed). Washington DC:US Government, Printing Office. In: **Revista Ciencias de la Actividad Física**. Valparaíso: Universidad de Playa Ancha de Ciencias de la Educación, 1993.

WANDERLEY, M.N.B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas - o "rural" como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedades e Agricultura**, Rio de Janeiro, UFRRJ/CPDA, n.15, p. 87-146, 2000.

WHOQOL GROUP. The development of the World Health Organization quality of life assessment instrument (the WHOQOL). In: ORLEY, J; KUYKEN, W. **Quality of life assessment: international perspectives**. Heigelberg: Springer Verlag; 1994. p 41-60.